

O status interseccional da Gordofobia: uma pauta tanto negra quanto ...*

The intersectional Status of Fatphobia: An issue both black and...*

*Juliana Sankofa*¹

RESUMO

Neste artigo, analiso a gordofobia a partir de uma perspectiva interseccional, compreendendo que ela opera tanto em articulação com outros eixos de subalternização quanto, em certos contextos, se relaciona com eixos de privilégio. Apoio-me na autoetnografia feminista negra, na afroperspectiva e na fabulação crítica como ferramentas teórico-metodológicas. A partir da minha experiência enquanto mulher negra gorda lésbica periférica (...), sem vírgulas ou conjunção aditiva, mobilizo reflexões que articulam gordofobia e interseccionalidade, sustentando que a fragmentação dos sujeitos, produzida pela lógica colonial-moderna, compromete a apreensão mais ampla e complexa das experiências dos corpos dissidentes. Com esta escrita, contribuo para fortalecer epistemologias situadas e contra-hegemônicas, que rompem com as narrativas que desautorizam saberes produzidos desde os corpos marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Contextos de Opressão. Mulheres Negras Gordas. Interseccionalidade.

ABSTRACT

In this article, I analyze fatphobia from an intersectional perspective, understanding that it operates both in articulation with other axes of subalternization and, in certain contexts, in relation to axes of privilege. I rely on Black feminist autoethnography, on the Afro-perspective, and on critical fabulation as theoretical-methodological tools. From my experience as a Black fat lesbian peripheral woman, I mobilize reflections that articulate fatphobia and intersectionality, arguing that the fragmentation of subjects produced by the colonial-modern logic undermines a broader and more complex understanding of the experiences of dissident bodies. With this writing, I contribute to strengthening situated and counter-hegemonic epistemologies that break with narratives that disauthorize knowledge produced from marginalized bodies.

KEYWORDS: Contexts of Oppression. Black Fat Women. Intersectionality.

* Os três pontos que compõem o título deste artigo é um recurso criativo- poético que visa não limitar o olhar interseccional sobre a Gordofobia. Ao demarcá-la, visivelmente, como uma pauta negra aponto para a origem dessa opressão na escravidão, conforme aponta Sabrina Strings(2019).

¹ Sobrenome artístico de Juliana Cristina Costa. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UFU, Brasil. E-mail: juliana.sankofa@ufu.br

* * *

Introdução

Quando se pensa em empoderamento de mulheres negras dificilmente se considera isso ligado a uma mulher negra gorda. Às mulheres negras gordas são relegados outros papéis sociais que pouco se discute no cenário dos debates públicos. Ainda, a dororidade², uma dimensão possível, segundo Vilma Piedade, a conexão entre mulheres, principalmente as negras, parece ser um estado de empatia não direcionado para mulheres negras gordas, inclusive por outras mulheres negras cujo tamanho tão compõe interseccionalmente o seu corpo.

Este texto tem como metodologia a autoetnografia e a afroperspectiva. A primeira consiste em um gesto que se vale das experiências em prol da elaboração de conhecimento sobre um aspecto da realidade social (SCRIBANO; DE SENA, 2014, p. 48). No entanto, adoto aqui a autoetnografia negra feminista, porque ela “autoriza que possamos utilizá-la como uma contribuição crítica ao conhecimento, além de permitir demonstrar que nossas histórias coletivas de luta estão diretamente vinculadas às nossas individualidades” (EUCLIDES; SILVA, 2024,p.127).

Já a segunda, a afroperspectiva, consiste em mobilizar toda um arcabouço da intelectualidade negra como perspectiva teórica principal. Ainda, a afroperspectiva é “um método traçado e enraizado a partir de dentro, na e pela experiência de África e sua descendência no mundo, na América Latina, especialmente Brasil” (SOUZA, 2022,p.99). Ambas são

² Na obra Dororidade (2020), Vilma Piedade conceituai que a “ Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravamento nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...” (PIEADADE, 2020, p.20). No entanto, considero que empatia, sororidade via a experiência da dor é atravessada por questões sociais, especialmente raciais, que impede a sua realização.

essenciais para se desvincular da ideia moderna de razão, que descorporifica o saber e anula a dimensão subjetiva de quem o produz.

Além disso, utilizarei da abordagem interseccional e da fabulação crítica para as questões que eu irei apresentar sobre a relação da gordofobia com outras opressões, já que essa opressão faz parte da matriz de dominação colonial. As pesquisas entorno das corporalidades gordas segue uma abordagem feminista com foco na experiência das mulheres, pois se acredita que a gordofobia é mais latente sobre os corpos femininos. No entanto, tais pesquisas carecem de um ponto de vista interseccional e de serem descentralizadas, no Brasil, do ponto de vistas de mulheres brancas.

Apesar de gordas, essas mulheres possui um eixo de privilégio racial, o qual seu ponto de vista é alinhado devido a falta de um letramento crítico racial. Assim como é próprio da branquitude, as abordagens são investidas de universalismos, em que o corpo gordo branco é a referência, mesmo, que compreendam a origem racista da gordofobia no período escravocrata (STRINGS, 2019).

Assim, o objetivo central neste texto é exemplificar a partir das observações que eu faço da realidade social e com o apoio das teorias interseccionais o status de interseccional da gordofobia, ao demonstrar que a depender dos contextos de opressão corpos gordos brancos podem ter privilégio sobre corpos gordos negros, bem como corpos negros não gordos, mesmo não tendo privilégio em relação a corpos brancos não gordos, podem ter privilégios sobre corpos negros gordo. Os contextos de opressão serão fundamentais para entender o fenômeno da opressão interseccional (CHENSHAW, 2002).

Enfim, a gordofobia serve aos interesses capitalistas atuais de mercantilização de corpos em uma semântica inversa da do mercado na época colonial. O corpo gordo é a propaganda negativa da indústria fitness e do mercado da magreza, assim esquemas de pensamento e percepção gordofóbicos são mobilizados e sustentados socialmente para a patologização e segregação de corporalidades gordas.

Corporalidades gordas e os contextos de opressão: eixos de privilégio e eixos de subordinação.

Às corporalidades gordas são atribuídos uma série de estereótipos, quando nos veem já propalam logo uma ideia de que somos corpos doentes, isso baseados em um discurso médico que determinam o tamanho das nossas barrigas é um indicador de doenças. É importante frisar que a patologização de corporalidades não é um fenômeno atual de dominação. Ao longo da história, o discurso médico já determinou a inferioridade das pessoas negras a partir de aspectos biológicos, a histeria nata das mulheres e a homoafetividade enquanto doença. Logo, é nítida o seu caráter regulador e a sua predisposição a estar a serviço de uma indústria que lucra com os discursos que profere. Na obra *Stop Gordofobia y las panzas subverzas* (2016), Magdalena Piñeyro aborda que:

Um olhar, um comentário e até um suspiro podem estar carregados de gordofobia, dependendo do contexto. A opressão está em toda parte. A gordofobia impregna todos os nossos pensamentos e comportamentos, constituindo, dessa forma, uma ampla limitação nas vidas das pessoas gordas. Muitas de nós temos medo de ir ao médico, de comer em público, de mostrar o umbigo, de usar minissaia, de ir à praia e ter que nos mostrar de maiô, de sair para caminhar ou andar de bicicleta... tudo por culpa da rejeição social que percebemos e experimentamos em relação aos nossos corpos (PIÑEYRO, 2016,p.42).³

Essa intelectual e ativista, aponta como a gordofobia se manifesta no dia a dia da pessoa gorda. Assim, observa-se que a gordofobia se manifesta nos espaços laborais, educacionais e outros espaços públicos, tal como se manifesta da esfera afetiva ou afetivo-sexual. A par disso, como será a experiência social do corpo onde se acoplam mais de um eixo de preterimento/ subordinação? E de que maneira os eixos de privilégio

³ “Una mirada, un comentario, y hasta un suspiro pueden estar cargados de gordofobia dependiendo del contexto. La opresión está en todas partes. La gordofobia impregna todos nuestros pensamientos y comportamientos constituyendo de esta forma una amplia limitación en las vidas de las personas gordas. Muchas de nosotras tenemos miedo de ir al médico, de comer en público, de mostrar el ombligo, de usar minifalda, de ir a la playa y tener que mostrarnos en bañador, de salir a caminar o andar en bicicleta... todo por culpa del rechazo social que notamos y experimentamos hacia nuestros cuerpos (PIÑEYRO, 2016,p.42).

interagem com os eixos de preterimento/subordinação em diferentes contextos de opressão?

Aqui, fabularei criticamente uma possível resposta. No entanto, não tenho a pretensão universalista de marcar o que vou fabular como uma experiência pertencente a todas as pessoas gordas negras. Antes, disso é preciso apresentar o conceito de interseccionalidade. Segundo Carla Akotirene, na obra *Interseccionalidade* (2019),

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p.19).

A interseccionalidade enquanto teoria e como método surge da epistemologia feminista negra. Já a fabulação crítica é uma noção teórico-metodológica criada por Saidiya Hartman. Em *Vidas rebeldes, belos experimentos* (2022), Hartman faz a seguinte reflexão:

Quem se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas, se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e autoridade de agente histórico (HARTMAN, 2022, p. 11).

Diante do silenciamento e da insuficiência do arquivo ocidental para registrar determinadas experiências não hegemônicas, a fabulação crítica serve como um modelo interpretacional das lacunas, dos silêncios e das ausências desse arquivo. Ainda, considero que esse método serve também para pautar questões com pouquíssima produção crítica acadêmica ou que não são interesses de estudo de uma maioria branca dentro dos espaços de produção de saber.

A minha resposta às perguntas que eu mesma fiz. Os corpos que acomplam mais de um eixo de preterimento/subordinação ou mais de um eixo de privilégio experimentam mais de um contexto de opressão ou podem ser duplamente ou mais legitimados e valorizados. É nesses contextos, a

dependem dos eixos identitários que estejam em sintonia com as interações sociais do momento. Assim, um eixo de preterimento/subordinação pode ser mais enfatizado e mobilizar aspectos dos outros eixos de subordinação, tal como o eixo de privilégio racial pode suspender eixos de preterimentos/subordinação em relação a outros corpos em contextos específicos.

Em “Documentos para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero” (2002), Kimberlé Crenshaw, sobre as experiências interseccionais, apresenta que:

As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas interseções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas. Esses são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem - as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento (Crenshaw, 2002,p.177).

Embora Crenshaw (2002) considere que racializadas são as mulheres que sofrem com a opressão racial, aqui também considerarei como racializadas as mulheres e outras pessoas que possuem privilégio racial. A ideia de raça zero é mais um paradigma universal do pensamento ocidental que considera que o outro é racializado e que os brancos não são.

Corpos gordos brancos não possui a mesma experiência de opressão que corpos gordos negros. Da mesma forma que mulheres brancas gordas não possuem a mesma experiência que mulheres negras gordas. Isso aponta para a complexidade da opressão e da necessidade de romper com a fragmentação do sujeito e entender que eu sendo mulher negra gorda, eu não posso ser considerada em apenas um eixo de subordinação e que o aspecto racial pode suspender meu eixo de privilégio, por exemplo, enquanto mulher cis.

Minha voz não pode ser universal para explicar os contextos que atravessam as existências negras, apesar de eu ser constantemente

convocada para falar sobre isso, mas nem sempre convocada para falar sobre ser mulher ou ser gorda.

A partir de Crenshaw (2002), retomo que os contextos de opressão “são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem - as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento (Crenshaw, 2002,p.177). Enfatizar isso é relevante para apontar para a necessidade de uma prática interseccional analítica das identidades no âmbito da construção enunciativa fragmentada do Ocidente ideológico⁴. Por conseguinte, isso permite não só observar as interações das vulnerabilidades, mas as relações delas com os privilégios sociais em cada contexto.

Meu corpo cis negro feminino periférico sapatão gordo (...): sem vírgulas, sem conjunção aditiva “e”.

Situar meu corpo neste texto implica reconhecê-lo em sua relação de proximidade direta com experiências coletivas atravessadas por racismo, gordofobia, lesbofobia e classismo e outras opressões que possam me atravessar. Também envolve refletir sobre as experiências possíveis de privilégio em detrimento das minhas iguais, em que ser cis, por exemplo, me garante melhores oportunidades e ameniza um pouco a violência, em determinados contextos de opressão, em relação a corporalidades⁵ trans.

⁴ “Quando eu digo Ocidente Ideológico, eu quero diferenciar as esferas discursiva das territoriais. Temos um Ocidente Território que nem sempre está em consonância com o ideológico. Ideologias podem romper a esfera do território, devido ao modo como as informações e ideias são compartilhadas desde os avanços tecnológicos, no contexto global. Ademais, o Ocidente Ideológico é a própria colonialidade, surge do processo expansionista europeu de dominação de terras, corpos e culturas iniciado no século XV” (Sankofa, no prelo). Essa reflexão consta no capítulo “Destituídas do amor? Mulheres negras resistindo às imagens de controle”, de minha autoria, que faz parte do livro *O que restou dos nossos amores? Da reivindicação de determinados corpos à política dos afetos* (Prelo), cuja organização é de Flávio Adriano Nantes Nunes (UFMS) e Tiago Duque(UFMS).

⁵ Corporalidade, aqui, é a compreensão do corpo para além do aspecto biológico, é a sua percepção enquanto elemento simbólico, atrelado a identidade dos sujeitos e as relações sociais. Sobre isso, em *Necropolítica* (2018), Achille Mbembe aponta que “a matéria que constitui corpo é investida de propriedades que não podem ser deduzidas a partir de seu

Ainda que compartilhemos eixos de subordinação/preterimento em comum, capazes de gerar empatia ou reconhecimentos, que nos permitem nos entender visceralmente em muitos diálogos que possamos ter, busco constantemente entender, eu reafirmo a necessidade de se pensar a população negra para além do eixo de subordinação racial.

Enquanto comunidade, nós, pessoas negras afrodiaspóricas, olhamos tanto para a frente das lutas antirracistas, apenas pelo viés exclusivo do racial, que não nos atentamos de compreender que a luta negra é também uma luta contra a LGBTQIA+fobia, a gordofobia, o sexismo e outras pautas de resistência. A fragmentação dos sujeitos, própria de uma razão moderna-colonial de se pensar os corpos dos sujeitos sociais, tem influenciado de forma danosa as nossas lutas. A interseccionalidade pode guiar para se pensar a complexidades identitárias dos sujeitos e como que podemos ser afetados por opressões interseccionais. Segundo Patricia Hill Collins, em *Pensamento Feminista Negro* (2019):

A ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas. Independentemente das intersecções específicas em questão, domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais reaparecem em formas bastante diferentes de opressão (COLLINS, 2019,p.64-65).

Assim, se os sujeitos são atravessados por mais de um eixo de subordinação/preterimento, a opressão que sofrem é interseccional. A depender dos contextos de opressão, um desses eixos pode exercer uma função motriz primordial, ganhando evidência, porém não anula a configuração dos outros eixos em diferentes dimensões da opressão interseccional. Por exemplo, a gordofobia que afeta principalmente

caráter de coisa, mas sim de um nomos transcendental, fora dele”(MBEMBE, 2018, p.65-66).

mulheres — já que somos nós os principais alvos das pressões estéticas a serviço do dispositivo do patriarcado —, pode, em determinados contextos, ser uma gordofobia racista sexista lesbofóbica, sem vírgula e nem conjunção aditiva.

Ainda, alinhada a uma ideia central do pensamento de Garvey, eu considero também a raça enquanto um princípio organizador das desigualdades (Martin, 1986). A partir disso, compreendo o racial como uma moldura para as outras desigualdades, por ser a cor da pele algo extremamente visível. Meu pressuposto é de que o eixo racial, tanto como eixo de subordinação/ preterimento quanto como eixo de privilégio, “conforma” os outros eixos.

A fim de exemplificar, menciono o que Angela Davis traz em *Mulheres, raça e classe* (2016) de que a violência de gênero era diferente para sinhás e escravas. Segundo Davis,

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016,p.19).

Davis (2016) demonstra como as experiências femininas da época colonial, bem como posterior a esse período, são implicadas de contextos de opressão interseccionais. Ainda, ao falar sobre o racismo no movimento sufragista feminino em que o racismo se manifestou quando foi proposto fornecer o direito ao voto para os homens negros, a intelectual norte-americana evidencia como um eixo de subordinação/preterimento não é o suficiente para desativar o status e comportamentos oriundos do eixo do privilégio.

Outro exemplo trazido por Davis (2016) foi sobre um episódio envolvendo a filha de Frederick Douglass em um colégio de meninas:

Depois de ser aceita em um colégio para meninas em Rochester, Nova York, a filha de Douglass foi formalmente proibida de assistir às aulas com as meninas brancas. A diretora que deu a ordem era uma abolicionista! Quando Douglass e sua esposa protestaram contra essa medida segregacionista, a diretora pediu que cada uma das alunas brancas votasse sobre a questão, afirmando que uma única objeção seria suficiente para manter a exclusão. Depois que as meninas votaram a favor da integração da colega à classe, a diretora recorreu às mães e aos pais das alunas, usando a única objeção recebida como desculpa para excluir a filha de Douglass (DAVIS, 2016,p.69)

Davis (2016) demonstra como as experiências femininas da época colonial, bem como posterior a esse período, são implicadas de contextos de opressão interseccionais. Ademais, a situação narrada é interessante, porque essa mesma mulher que segregou a aluna negra compunha o movimento abolicionista. O eixo de privilégio racial configura os esquemas de pensamento e percepção dos sujeitos, romper com eles envolve um processo radical de descolonização das próprias práticas sociais. Imitando a forma de trazer os exemplos de Davis (2016), relatarei um fato que confirmam que os eixos de privilégios não desligam do sujeito quando o mesmo possui eixos de subordinação/preterimento.

Em uma ocasião, estava convivendo com pessoas gordas ativistas e a pauta do tamanho me fez querer interagir e aprender. Ao longo da convivência, eu percebi que havia uma preocupação com a diversidade, mas não visando mudança social, mas enquanto álibi do racismo praticado pela responsável pelo grupo e três servos fiéis. Ainda, as práticas racistas eram perpassadas por sutilezas: silenciamento, deslegitimação e distorção discursiva do afeto (que na verdade era camuflagem do racismo).

À medida que as pessoas gordas negras não apontavam o racismo no grupo, elas eram queridas, porém quando elas sinalizavam a existência da opressão nas interações do grupo eram demonizadas e descredibilizadas. Quando as acusações do racismo ficavam extremamente consistentes, a estratégia da responsável pelo grupo foi uma crise emocional, em que necessitaria ser cuidada como uma boa vítima que se dizia ser, além de um senso de importância de que estaria sobre ataque devido a inveja. Esse

comportamento é denominado por Robin DiAngelo (2018) como fragilidade branca. Segundo a autora,

A Fragilidade Branca é um estado em que até mesmo uma quantidade mínima de estresse racial se torna intolerável, desencadeando uma série de movimentos defensivos. Esses movimentos incluem a expressão de emoções como raiva, medo e culpa, e comportamentos como discussão, silêncio e abandono da situação criadora de estresse. Esses comportamentos, por sua vez, funcionam para restabelecer o equilíbrio racial branco (DIANGELO, 2018,p.35-36).

Assim, tal fragilidade impede qualquer possibilidade de diálogo no contexto de opressão e vem acompanhada pelo pacto da branquitude, isto é, “um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios”(BENTO, 2022,p.18). No fim, querendo conter a insurgência promovida principalmente pelas mulheres gordas negras, inventou-se uma pausa e retirou o acesso das integrantes de forma geral as redes sociais do grupo, uma atitude precipitada e que foi o ápice da fragilidade que nos apresenta DiAngelo.

Considerações finais

É necessária interseccionar as pautas das lutas sociais, evitando, assim, a fragmentação do sujeito imposta por uma lógica colonial e quem vem impedindo a plena compreensão das opressões interseccionais. À medida que focamos em uma dimensão específica da identidade e desconsideramos outras, exercemos uma interpretação e abordagem limitada do sujeito.

Em relação as teorias feministas, em suas múltiplas perspectivas, a confluência possibilitaria no entendimento mais amplo das experiências femininas em uma sociedade colonizada. Ainda, os espaços de discussão de gênero cada vez mais brancoeurocentrado demonstra a eficácia do controle discursivo da sociedade pela branquitude, o que impede a decolonialidade do saber e alimenta o vício universalizante das perspectivas teóricas feministas produzidas por muitas mulheres brancas.

Referências

AKOTIRENE, CARLA. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, v. 10, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1.ed. São Paulo, Boitempo, 2016.

DIANGELO, R. Fragilidade branca. *Revista Eco-Pós*, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 35–57, 2018. DOI: 10.29146/eco-pos.v21i3.22528. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22528. Acesso em: 10 maio. 2025.

EUCLIDES, Maria Simone; SILVA, Joselina da. Autoetnografia negra feminista: epistemologias e subjetividades para um currículo antirracista. *Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB*, [S. l.], v. 29, n. 67, p. 121–136, 2024. DOI: 10.20435/serieestudos.v29i67.1903. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1903>. Acesso em: 15 maio. 2025.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos*. Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022

MARTIN, Tony. *Race first: The ideological and organizational struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*. The Majority Press, 1986.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. Rio de Janeiro: Editora Nós, 2020.

PIÑEYRO, Magdalena. *Stop gordofobia y las panzas subversas*. Zambra, 2016.

Recebido em maio de 2025.
Aprovado em junho de 2025.